

Festa do **COLETE** **ENCARNADO**

REVISTA



4 • 5 e 6

JULHO '25

VILA FRANCA DE XIRA

TODA A PROGRAMAÇÃO



CÂMARA
MUNICIPAL

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt



Apoios



Entidade Regional de Turismo
da Região de Lisboa





SÁBADO
05 DE JULHO / 16H00
PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE

HOMENAGEM AO CAMPINO

TODA A INFORMAÇÃO:

COMBOIO E AUTOCARROS GRATUITOS

GRANDES CONCERTOS

SEXTA-FEIRA
04.JULHO



BUBA ESPINHO



NININHO VAZ MAIA



DJ KURA

PALCO CEVADEIRO

Concertos interpretados em Língua Gestual Portuguesa

SÁBADO
05.JULHO



DJ MIGUEL SIMÕES



TONY CARREIRA



FESTA M80

PALCO PEDRO VICTOR

SÁBADO
05.JULHO



RAQUEL TAVARES



SIEMPRE ASÍ

DOMINGO
06.JULHO



GISELA JOÃO

Dias 4, 5 e 6 de julho

É tempo de viver a Festa do Colete Encarnado!

Em 2025, a Festa do Colete Encarnado acontece nos dias 4, 5 e 6 de julho, juntando tradição, cultura, música, tertúlias, campinos, comércio local e o público, de todas as gerações, oriundo de toda a Região, do País e do estrangeiro.

Vila Franca de Xira irradia emoções fortes, neste que é o maior evento promovido no Concelho.

Vivem-se dias especiais nesta festa única no contexto da Área Metropolitana de Lisboa, que foi reconhecida, em 2020, como uma das 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa e, em 2024, distinguida com o Prémio 5 Estrelas Regiões na categoria de Festas, Feiras e Romarias.

Com uma forte aposta em grandes concertos, com nomes que atuam pela primeira vez no Concelho: Tony Carreira, Nininho Vaz Maia e Dj KURA, no Palco do Cevadeiro. O cartaz vai contar ainda com Buba Espinho, DJ Miguel Simões e a Festa M80. O Palco da Avenida Pedro Victor vai receber o espetáculo “Para Sempre Marco”, Baila Maria e DJs “Remember Vila Franca”, no primeiro dia; Raquel Tavares, Siempre Así e Los Romeros, no segundo dia; e a fadista Gisela João e os fadistas de Vila Franca de Xira para culminar os três dias em grande! No Palco Marialva, o Clube de Fado de Vila Franca de Xira apresenta Nuno da Câmara Pereira e Margarida Arcanjo e o Grupo de Fadistas de Vila Franca sobem ao palco para o espetáculo “Viva o Fado, Viva a Tradição”, a par de outros momentos de fado, a que se juntam as atuações de sevilhanas, flamenco, ranchos folclóricos, nos outros palcos, constituindo uma oferta diversificada que prende a atenção de diferentes públicos.

Sendo uma Festa popular que exalta a tradição campestre ribatejana, o momento alto do Colete Encarnado será, como sempre, assinalado no sábado, 5 de julho, com a Homenagem ao Campino António Francisco Caipira Grilo, da Casa Agrícola Jorge Zambujo. Na cerimónia sempre muito emotiva, na Praça Afonso Albuquerque (Largo da Câmara), será entregue o Pampilho de Honra, em tributo póstumo, com o nome de Orlando Vicente, natural da Castanheira do Ribatejo, que nos deixou, em 2020, aos 84 anos. É da Praça em frente aos Paços do Concelho que, na noite do dia 4 de julho, parte o Desfile de Tertúlias e Coletividades para a Missa *Rociera*, na Igreja Matriz, onde vai atuar o Coro *Rociero Cosita Buena*.

A animação itinerante vai andar pelas ruas e no Mercado Municipal; o Jardim Municipal vai receber a Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano, e na

manhã do dia 5 há concerto pela Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense na Praça Afonso de Albuquerque.

A festa acontece, sobretudo, nas ruas! Com as esperas, as largadas e a corrida de Campinos, numa afirmação da identidade Vila-Franquense que continua a atrair aficionados e muitos curiosos de todo o País e do estrangeiro.

A ligação ao Tejo afirma-se, entre outros momentos, com o Cruzeiro/Regata Moita-Vila Franca de Xira-Moita que chega no sábado, dia 5, e parte no dia seguinte, com a concentração dos barcos tradicionais no Cais de Vila Franca de Xira.

À noite, no dia 5, há Sardinha Assada à discrição e, a partir das 3h30, a distribuição do caldo verde aos mais resistentes!

O encerramento da Festa, à meia noite do dia 6, será, mais uma vez, assinalado com o tradicional espetáculo de fogo de artifício junto ao Rio Tejo.

O espaço família, criado na edição do ano passado, vai estar de novo instalado junto ao Tribunal para permitir momentos de pausa, cuidar dos mais pequenos e inclui um espaço para amamentação.

A oferta de transportes públicos, num quadro de mobilidade sustentável que tem enquadrado os grandes eventos do Município, visa garantir que as pessoas chegam à Festa ou regressam a casa, em segurança e com comodidade, tendo em conta que as ruas da cidade estarão fechadas ao trânsito automóvel nos três dias do evento. Nas madrugadas de 5 e 6 de julho, depois dos concertos, realizam-se comboios especiais gratuitos, com partida às 3h20 de Vila Franca de Xira e com paragem em todas as estações e apeadeiros até Lisboa/Santa Apolónia.

No território do Concelho, vão circular *shuttles* de autocarro gratuitos, entre as 17h00 e as 05h00, com partidas (e regresso) a cada meia hora da Castanheira do Ribatejo e Povos, a norte; e de Vialonga, Póvoa de Santa Iria, Alverca do Ribatejo e Alhandra, a sul, com paragens junto a locais com grandes estacionamento.

A 93.ª edição do Colete Encarnado promete momentos inesquecíveis, de convívio e de história!

Vamos fazer a Festa como só Vila Franca de Xira a sabe fazer!



FERNANDO PAULO FERREIRA
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Orlando Rocha Vicente

UMA FORÇA DA NATUREZA E CAMPINO DE ALMA INTEIRA

4

Num tempo em que a tradição se escrevia a galope, Orlando Rocha Vicente viveu de corpo inteiro a vida que escolheu - ou que o escolheu. Nascido a 12 de março de 1936, na Castanheira do Ribatejo, na capela do “Alhada”, era o único rapaz entre quatro irmãos. O filho varão, numa família onde ser campino era mais do que ofício - era destino.

A escola da vida foi o campo

Desde pequeno, tudo nele apontava para o campo. Filho e neto de maiorais, cresceu entre cavalos, toiros e histórias de valentia. O pai, Manuel “Desterro”, era figura conhecida da ganadaria “Conde Cabral”. A escola ficou-se pela quarta classe, “um pouco obrigado”, como recorda Pedro Vicente, seu filho. Mas a vida ensinou-lhe o que mais importava. E muito mais.

Foi ajudante, aprendiz, sonhador. Começou por detestar o que fazia, a lidar com toiros de lavoura, “queria era ser como o pai, o tio, o avô”, diz a família. A ambição empurrou-o para longe das sombras dos que o precederam - e

foi abrindo caminho, um a um, pelos campos do Ribatejo e do Alentejo, até ser reconhecido como maioral. Era exigente, perfeccionista e de uma cultura de campo notável. “Ele sabia muito”, sublinha Pedro, com a emoção de quem viu nascer o respeito antes da saudade.

Entre ganadarias e sonhos realizados

Passou pelas mais emblemáticas ganadarias do país - Conde Cabral, Casa Prudêncio, Tomás da Costa, Silva Herculano e Pinto Barreiros - mas foi nesta última, já na maturidade, que a lezíria voltou a ser casa. Ali, como noutros palcos de terra e pó, Orlando nunca foi apenas um trabalhador. Era presença forte, voz firme e muitas vezes o coração das operações.

“Ele era uma força da natureza”, repete Pedro, como se cada vez que o diz, o pai ressuscitasse um pouco.

Foi na ganadaria “Tomás da Costa”, do seu amigo Tomás da Costa, em plena lezíria de Vila Franca de Xira, que viveu os anos mais felizes da sua vida. “Estiveram juntos quase vinte anos.



Glória Vicente, Filipa Vicente e Pedro Vicente

Sonharam, criaram uma ganadaria de raiz. Foi ali que o meu pai foi mais feliz”, partilha Filipa, uma das filhas. Ali nasceram os filhos mais novos e ali Orlando viu o seu trabalho transformar-se em projeto de vida.

Mas, Orlando não era apenas homem de campo. Era de carne, osso e muito coração. Tinha um lado doce, brincalhão, contador de histórias - “um verdadeiro petas”, dizem os filhos entre risos. “Explodia, mas não era agressivo. Era meigo, gostava do convívio e de reunir a família.” Nas festas, era presença certa.

Orlando participou inúmeras vezes na “Festa do Colete Encarnado”, nas esperas de toiros, na “Feira Anual de Outubro”. Sempre a cavalo, sempre com paixão nos olhos.

“Lembro-me de um ano em que o nome do meu pai era cabeça de cartaz. Fiquei tão orgulhoso”, recorda Pedro.

Numa dessas festas, protagonizou um dos momentos mais marcantes da sua vida: caiu na arena, após uma investida dos toiros. Levan-

tou-se, enlameado, virou-se contra os animais e retomou o controlo. Foi aplaudido de pé - um campino não costuma dar a volta à praça. Mas Orlando não era um campino qualquer.

Quando a bravura era todos os dias

Durante a sua vida, protagonizou momentos de verdadeiro heroísmo, de entrega, de sacrifício. Como no dia de no Natal, saiu de casa de noite para resgatar toiros na estrada. Ou quando, com a perna partida, continuou a dar rações, a carregar um novilho doente no trator. “Não sei como é que ele conseguiu”, repete Pedro, admirado. Mas Orlando não sabia parar.

Pai, marido, exemplo

Casou com Isabel aos 22 anos. Tiveram quatro filhos. Criaram-nos entre a lezíria e os valores que hoje os definem. “O que somos hoje, devemos a ele e à nossa mãe. Ensinou-nos a



6

batalhar”, sublinha Pedro. Apesar da dureza da vida, Orlando foi um pai presente à sua maneira, e um avô acarinhado.

Faleceu a 9 de abril de 2020, com 84 anos, no início da pandemia, sem direito a uma despedida condigna. “Foi um choque. Pensávamos que ia morrer de velhice, não assim...”, desabafa Pedro. Durante os últimos seis meses de vida, lutou contra uma doença que o foi consumindo. Mas nunca perdeu a força, nem o humor, nem a doçura.

Hoje, os filhos reconhecem que são quem são por causa dele. “Deu-nos tudo o que podia, mesmo sem saber ler e escrever bem. Ensinou-nos a batalhar. Nada nos foi dado de mão beijada”, afirma Pedro com firmeza.

Pampilho de Honra, de nome e coração

Foi um homem maior do que a sua profissão. Campino, sim, mas também marido, pai, amigo. “Tinha uma cultura do campo fora do comum. Sabia tudo, mesmo sem livros.” Até ao fim, foi presença - no campo, na família, na festa. Um homem que, mesmo cansado, nunca desmontou.

Orlando Rocha Vicente foi - e continuará a ser - um símbolo de resiliência, dedicação e amor pela lezíria. Um homem que cavalejou a vida com a coragem dos que não pedem palco, mas fazem história. Um Pampilho de Honra, de nome e de coração.

António Grilo

Primeira homenagem com honras da Festa Maior

A homenagem aos homens que abraçaram a arte da campinagem chega na “Festa do Colete Encarnado”, este ano, na pessoa de António Grilo. Pela forma como honrou este compromisso, num verdadeiro sinónimo de ser campino, os seus colegas dedicam-lhe os 93 anos da Festa Maior.

Nascido em Nossa Senhora da Boa Fé, entre o Escoural e S. Sebastião da Giesteira, no concelho de Évora, António Francisco Caipira Grilo tem na planície alentejana o seu berço. O pai, carvoeiro de profissão, e a mãe, trabalhadora nos campos, deram-lhe as boas-vindas a 11 de novembro de 1960.

Pelos olhos da sua infância confessa que andou sempre fugido da escola, fez a terceira classe e, mais tarde, completou a quarta. Gostava mais do campo, de estar perto do gado e tinha também “o bichinho dos cavalos”. Os primeiros trabalhos foram a guardar gado manso e, ainda hoje, se recorda dos preciosos 30 escudos que ganhou na já desaparecida Casa José Silveira, situada onde é hoje a zona industrial de Évora. Um certo dia, já pelos seus 16 anos, contemplava os campinos da herdade Zambujal do Conde, que levavam os cavalos a caminho de Évora e, um deles, João Rosa Cabaço, mais conhecido por João “Campino” (tio do que veio a ser seu cunhado), viu-o, entusiasta e fascinado, apreciando aquele manejo e interpeleu-o: “Ó rapaz, parece que gostas mesmo disto... Vê lá se queres vir para campino!”, conta-nos, revivendo o momento e, rapidamente, esclarecendo: “E eu nem pensei duas vezes! Rumei para a Herdade de Ceuta”, em Reguengos de Monsaraz.

Algun tempo depois foi a vez do “tio Afonso”



(avô do cavaleiro tauromáquico Correia Lopes) reparar no seu jeito para o ofício. Estava talhado para todas as tarefas. “Este rapazinho era bom para trabalhar lá com os cavalos”, comentou sobre António. E, assim, encetou a sua época em Caneças, bem perto da Capital, dedicado ao arranjo e rotinas bem disciplinadas dos cavalos. Contudo, faltava-lhe o restante elenco do campo. Passados dois anos, a ruralidade falou mais alto e levou-o a tornar ao Alentejo, para junto de João “Campino”, aquele que considera ser o seu mestre na arte da campinagem.

No seu percurso seguiu-se a Herdade das Almargias, em Alcáçovas, para ficar às ordens da Casa Simão Malta. Por esta altura já se tinha encantado por uma bonita moça, mais nova, que trabalhava num monte ali bem perto do seu último trabalho. Foi então tempo de pedir a mão de Maria Joana e trazê-la para Alcáçovas, fazendo dela a sua companheira de vida e mãe dos seus três filhos: António Manuel, a Maria do Céu e o António Mateus. O mais velho e o mais novo ainda hoje lhe seguem as pisadas e o gosto pelo campo.

Após seis anos ingressa na Casa agrícola Jorge Pereira dos Santos, onde se manteve encarregado do gado manso por 20 anos e cinco meses, afirma António com precisão. Daí veio para a Casa agrícola Jorge Zambujo e é no Monte da Torre, no concelho de Arraiolos (distrito de Évora), que permanece até à data, envergando o último ferro da sua longa jornada.

Agruras e momentos especiais, assim é a vida de campino

Começou nos tempos árduos da profissão. Sem cercas, com noites ao relento e dormidas à vez. Uma certa noite, “estava eu a descansar e o outro campino que estava de vigia deixou-se adormecer. Ora, as vacas passaram para o outro lado da estrada que segue para Reguengos (de Monsaraz) ... nesta vida não há tempo para folgas”. Com brio assevera que nunca fechou um toiro a trator. Lembra-se de passar as vacas bravas pela Ponte Albardão, o que demorou meio-dia: “Outros tempos de muito valor”. Resiliente soube ultrapassar o que lhe foi calhando em sorte, pois não foram poucos os episódios graves. Na fuga de uma vaca recorda que se prontificou a ir buscá-la, mas o cavalo escorregou e “foi feio de se ver. Ninguém teve tempo de fazer alguma coisa, foi muito rápido, caiu tudo ao chão, o cavalo ficou só com a cabeça”. Resultaram oito dias em coma, no Hospital de Évora, uma clavícula, duas costelas, a cabeça e o nariz fraturados. Mais tarde sofreu outra queda, embatendo numa árvore, o que levou ao hospital, desta feita ao de S. José, em Lisboa, obrigando-o a uma intervenção à cervical. Depois, a sua montada que ainda hoje o acompanha, o “Cacau”, pregou-lhe uma grande dentada no braço, o que exigiu outra cirurgia para ligar os tendões, relata António, mostrando as grandes cicatrizes. A imprevisibilidade dos animais tem destas coisas, mas foi também com



“Nunca fechei um toiro a trator”

este cavalo e com a sua maestria que arrecadou vários primeiros lugares em provas de perícia e corridas de campinos, em Santarém, Samora Correia (Benavente) e em Vila Franca de Xira. Assim, nem só de episódios mais difíceis reza a sua história. Conta-nos, com disfarçado orgulho, que teve uma participação na telenovela “Belmonte”, transmitida no País em 2013 e 2014, integrando os cenários exteriores centrados na paisagem, onde campinos orientavam o gado. O seu companheiro “Cacau”, hoje com 18 anos, acompanhou-o e com ele também brilhou.

No desfiar dos anos, a sua vida conheceu muito. Momentos inesquecíveis, sítios, animais e pessoas, mas é notório o apreço com que nomeia alguns colegas que considera da velha guarda: Luís Carranca, José Moleiro, “Foguete” e Maximiano são alguns que pertencem aos tempos áureos do que é “ser campino”. Não é raro lembrar-se dos

seus pares de profissão e chamar-lhes “amigo”, fruto do espírito de interajuda e dos ossos do ofício que partilharam.

Lembra, ainda, com estima, de algumas das suas montadas, como o “Sado”, de ferro Conde Cabral e, claro, o “Cacau”, com que posa para a fotografia nesta entrevista.

Conhece as praças do País e em quase todas recolheu corridas. Por 30 anos entrou na praça de Évora e ficou-lhe na memória que fez a última corrida na antiga e, depois, a primeira já no novo tauródromo, onde acompanhava, muitas vezes, o amigo e companheiro campino Luís Carranca. Guarda, ainda, as imagens da vinda do Duque de Bragança a um cortejo, também em Évora, no qual António participou com o seu filho caçula, à data com 12 anos. Destaca, ainda, as praças em Setúbal e em Lisboa, onde trabalhou vezes sem conta.



Sobre a homenagem:

“Acontecer logo nesta Festa de grande envergadura e realmente especial entre todas as outras... Ali parece que tem outro sabor...”

Memórias felizes da Festa

Sobre momentos vibrantes recorda com satisfação a primeira vez que participou na grande Festa de Vila Franca de Xira, precisamente nos 50 anos do Colete Encarnado. São boas as lembranças de participar no desfile com o seu companheiro de campinagem Lúcio e de assistir à inauguração do emblemático Monumento ao Campino (da autoria do escultor Domingos Soares Branco), uma referência no centro da Cidade e parte integrante da Rota Tauromáquica do Concelho. A partir daí, com uma exceção ou outra, nunca mais faltou, no seu aprumado traje de festa, às “esperas do Colete”, às quais tenciona “ir até poder... e ser campino até morrer”, completa assertivamente.

No passado ano, um dos mais novos dos seus sete netos brilhou numa imagem que assinalou a “Festa do Colete Encarnado” no largo da Câmara, na fachada da Câmara Municipal. Nela estava



impresa uma vontade comum a António Grilo, a de que esta tradição tenha lugar no futuro. Receia que se desvaneça sob a força do movimento anti taurino, faz questão de nos dizer. Mostra-se aficionado desta vertente cultural, onde se sente o pulsar da tradição.

Reformou-se este ano, mas “parado parece que falta tudo: o cavalo, o cão, o gado...”. Por isso, gosta de se manter ali, junto do seu amor maior, o campo, e da cerca de uma centena de cabeças do Monte da Torre. Mas quando realiza que a sua primeira homenagem decorre, este ano, na “Festa do Colete Encarnado”, alegra-se-lhe a feição. “Acontecer logo nesta Festa de grande envergadura e realmente especial entre todas as outras... Ali parece que tem outro sabor...”, declara com emoção, referindo-se ao momento solene reservado para o Largo da Câmara, a 5 de julho. Por todos reconhecida como uma honrosa e bonita homenagem, cheia de brilho, este campino recebe-a, humildemente, com muito gosto. A sua relação com a Festa vai longa e a chegar aos 65 anos, António Grilo recebe a sua primeira distinção, precisamente, naquela que se tornou numa das “7 Maravilhas da Cultura Popular” de Portugal. Neste tributo de quem vive Vila Franca de Xira de forma sentida gravamos no coração um verdadeiro agradecimento pela sua arte e uma reverência ao seu contributo no engrandecimento da Festa Maior.

Ganadaria “Condessa de Sobral” Amor ao toiro bravo e respeito pelas tradições portuguesas

Com 145 anos de fundação, a ganadaria “Condessa de Sobral” divide a sua história entre mãos portuguesas e espanholas. Localizada nas margens do rio Guadiana, em Beja, a sua designação foi estabelecida apenas no final da década de 80 do século passado, em consideração pelo título de uma proprietária da década de 60 - D. Maria Ana (Condessa de Sobral). Hoje é D. Manuel Vásquez Gavira quem a detém, homem nascido e crescido numa família de ganaderos espanhóis que pretende manter na sua atividade tradições portuguesas e que os seus touros se destaquem pela bravura.

- Como e porquê surgiu o interesse em adquirir a ganadaria?

Conhecíamos o trabalho feito por Álvaro Domécq (anterior proprietário), sabíamos a dimensão da “Herdade dos Montezes”, e tínhamos muita vontade de dar continuidade à ganadaria “Condessa de Sobral” em território português. Então, em 2015, surgiu a oportunidade e, com muito prazer em fazer o negócio com Álvaro Domécq, adquirimos a herdade, a quinta e todo o efetivo da ganadaria, que é de origem em sementais “Torrestrella”.

- Como se posiciona atualmente a ganadaria, tanto em Portugal como em Espanha?

Atualmente só temos gado bravo em Portugal e, em Espanha, apenas gado manso.

Penso que em Portugal vamos tentando ganhar

espaço nos toiros para lides a pé, mas também a cavalo. Exemplo disso é o toiro que foi lidado no Concurso de Ganadarias de Vila Franca de Xira, este ano, na Praça de Touros “Palha Blanco”, a 31 de maio. Em Espanha já está mais consolidado, principalmente a pé, mas tentamos deixar uma parte do nosso efetivo para ser lidado nas corridas em Portugal.

- Que tipo de touro apresenta? Quais as suas principais características, considerando também o seu encaste?

Distinguimo-nos por tentar manter e reforçar todas as tradições portuguesas, começando pelo trabalho feito pelo jogo de cabrestos de raça mertolenga, que mantemos e são trabalhados graças ao profissionalismo, empenho e carinho do nosso Maioral.



Ganadero D. Manuel Vásquez Gavira



Exemplares da Ganadaria Condessa de Sobral

Todo o trabalho diário que é feito com o gado é feito a cavalo e com recurso a cabrestos quando possam.

Os nossos toiros são de encaste “Domécq”, mas com a peculiaridade de ter “Torrestrella”. Consideramo-nos fiéis a “Torrestrella”, temos preferência por estes sementais, mas temos também características de Jandilla, pois considero que as características dos animais se encaixam perfeitamente.

As características dos nossos toiros são, essencialmente, para o toureio a pé. Queremos que os nossos toiros humilhem, que sejam bravos, que enfrentem, que galopem. Mas honestamente, não são características diferenciadas em profundidade das demais ganadarias portuguesas.

Os nossos touros têm de distinguir-se, essencialmente, pela bravura. Gostamos que tenham muita mobilidade e que transmitam emoção. Não gostamos de toiros que facilitem a vida aos toureiros.

Em resumo, os nossos toiros têm de ser bravos, em primeiro lugar, depois que tenham mobilidade e transmitam emoção, e, claro, que humilhem.

- Como se processa a seleção das rezes bravas, particularmente as futuras mães?

A forma como são trabalhados e criados os toiros tem, na minha opinião, influência. Acho que a única coisa que não depende disso, é a bravura,

pois essa é genética.

Tudo começa com o processo de seleção das bezerras. Às vezes há que tentá-las várias vezes, e ser rigorosos com os critérios. Não há critérios bons ou maus, e os nossos são os nossos, há que ter em conta o objetivo final e onde queremos chegar.

A forma como fazemos essa seleção é com recurso a tentaderos. Tentamos as bezerras com um mínimo de dois anos. Se tiverem entre dois a três anos, melhor, pois acho que estão mais marcadas as suas características. Tentamo-las para capote, cavalo e muleta. Nas tentas a cavalo somos exigentes. Muitas vezes damos a oportunidade a experientes toureiros, para que nos ajudem com a sua experiência, mas também gostamos de envolver toureiros jovens, com menos experiência, pois achamos que é uma boa forma de identificar os defeitos e exaltar as qualidades e as virtudes dos animais. Pode haver vacas cheias de virtudes, mas cujos defeitos não sejam, na nossa opinião, possíveis de corrigir e, então, não iremos usá-las para futuras mães.

Fascina-me o mundo dos forcados. Não o conhecia, mas tem-me fascinado saber todo o trabalho que está por detrás da faena propriamente dita e do que fazem em praça. Pelo respeito e fascínio que temos pelos forcados, costumamos convidar alguns grupos a vir treinar à nossa ganadaria. Curiosamente, este ano já estive cá o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de



Xira a treinar, e foi um dia magnífico.

Sabendo que são importantes para os grupos, melhor... Ainda para mais se pensar que assim estou a manter, de certa forma, algo tão único e tão português.

- Que touros destaca e porquê, nos anos mais recentes?

O “Tortonero”, lidado em Portugal e que foi muito bravo, cumpriu em pleno. Morreu há três anos, com 14, e deixou uma descendência muito importante na nossa Ganadaria.

Outro toiro que me marcou bastante, foi o “Amarguilho”, nascido em 2017, e lidado em Salvaterra de Magos pelo cavaleiro Marcos Bastinhas, a 28 de agosto de 2021. Foi um grande toiro, que indultámos e trouxemos de volta. Trouxe-nos, também, uma descendência muito boa. Já lidámos um filho dele em 2025, e também foi muito bom.

São toiros que nasceram aqui, foram criados aqui, e isso orgulha-nos muito.

- Que objetivos para o futuro da ganadaria?

Somos uma empresa familiar, e eu represento essa Sociedade em Portugal. Somos quatro irmãos, que no total têm 10 filhos, cinco homens e cinco mulheres, plenos de afición e com muita vontade de manter viva esta ganadaria.

A forma como fomos acolhidos aqui em Portugal deixa-me muito contente, não só pelo crescimento da ganadaria como na relação que temos mantido com o pessoal que trabalha aqui na herdade, particularmente o Maioral Manuel Madeira e o seu sobrinho Rui.



Maioral Manuel Madeira

NÚMERO DO TOTAL DE EFETIVO EM 2025:

- **118 vacas de cobrição, distribuídas em quatro lotes**
- **5 sementais distintos**
- **Aquisição de mais 76 vacas**

Victor Pantaleão

GUARDIÃO DA “PALHA

Há homens que não precisam de cartaz para serem figuras. Homens de bastidores, herdeiros de um saber antigo, como Victor Pantaleão, responsável pela Praça de Touros “Palha Blanco”, em Vila Franca de Xira, desde há 21 anos. Sob sua liderança experiente, qual maestro durante uma sinfonia, todas as tarefas se conjugam.

O gosto pela Festa Brava vem de cedo. Desde os tempos em que, acompanhado pelos pais, vinha das Cachoeiras ao Colete Encarnando e à Feira de Outubro. Foi nessa época, na encosta junto ao Cemitério, onde viu as suas primeiras esperas, que nasceu a sua paixão pela tauromaquia.

Em 1977 tem início a sua ligação oficial à “Palha Blanco”, quando aí inicia funções como electricista. Desde esse momento, por inerência de funções, o seu local de permanência na Praça passa a ser entre barreiras, no espaço entre o

muro e a teia, num contacto direto com os intervenientes na Festa, o que não só enriquece a sua cultura tauromáquica, como aumenta a sua paixão pela tauromaquia.

A partir deste local de observação privilegiado, de onde, melhor do que a partir de qualquer outro, se consegue visualizar toda a envolvimento da Festa, vai adquirindo competências, construindo um conhecimento, precioso e único, sobre como resolver ou atuar em determinadas situações e imprevistos que vão surgindo durante o desenrolar de qualquer espetáculo taurino.

Fruto deste percurso, forjado entre sacrifícios e dedicação, em 2004 foi-lhe lançado o maior dos desafios: o convite para assumir a responsabilidade desta mítica e centenária Praça.

E assim se passam 48 anos. Mais de quatro décadas entregues ao serviço da “Palha Blanco”. Conhece os portões como se fossem as portas da



BLANCO”

sua casa, sabe onde rangerá cada tábuia quando o touro entra na arena, e percebe o sentir da Praça antes mesmo do espetáculo começar.

O Colete Encarnado é o ponto alto e a festa maior da cidade. Vitor não disfarça o orgulho e a satisfação de ser uma das peças fundamentais da sua complexa engrenagem. Ao longo de três dias de adrenalina, onde não há margem para pausas, descanso ou enganos, coordena uma equipa de mais de dez pessoas a quem cabe a operacionalização de toda a logística dentro da “Palha Blanco”, de forma a que os espetáculos taurinos possam decorrer em segurança e sem sobressaltos.

Durante o Colete, comanda silêncios e correias. Desde a alvorada, com o som dos campinos, ao ressoar das ferraduras no empedrado da cidade, há uma cadência que entende como poucos. A precisão invisível com que a Praça funciona ao longo destes três dias, onde decorrem, em contínuo, três esperas de toiros, uma corrida e uma novilhada, só assim é pela sua vasta experiência e pela competência da sua equipa.

Há no olhar de Victor Pantaleão um brilho e um entusiasmo de quem ama verdadeiramente aquilo que faz. A Praça não é um local de trabalho, é casa, altar, cultura, herança. Só assim se explicam 48 anos de entrega e prontidão.

Ao longo de quatro décadas já viu de tudo: tardes de glória, toiros difíceis e cavaleiros nervosos. Já sofreu um acidente e já evitou outros tantos. A “Palha Blanco” não seria o que é sem ele e talvez ele não fosse o mesmo sem a ela. Há amores que não se dizem, vivem-se. Como este, feito de sol, aplausos e silêncios, glórias e fracassos, coragem e medo. Forte, resiliente, eterno.

No coração do Ribatejo, onde o touro é rei e o povo tem alma quente, Vítor continua a cumprir, ano após ano, o seu papel de guardião da memória e da tradição. No futuro, alguém o substituirá na sua missão. Aos vindouros deixa um apelo: “Não deixem cair o nosso património”.

Texto: Carla Coquenim
Foto: Miguel Mestre



Tertúlia “O Mata-Cavalos”

Onde vivem a Memória e



16

Em Vila Franca de Xira, no coração de uma terra onde o toiro é rei e a cultura taurina pulsa em cada esquina, há um espaço que preserva não só a tradição, mas também a memória viva de um homem que marcou a sua época, o campino António Manuel Caetano, conhecido por todos como “O Mata-Cavalos”.

A Tertúlia “O Mata-Cavalos” nasceu a 29 de abril de 2006, fruto da vontade de um grupo de familiares e amigos do António Manuel Caetano, falecido no ano anterior, em 2005. Antes mesmo da sua criação oficial, os fundadores já se reuniam regularmente na Rua Joaquim Pedro Monteiro, em animados jantares, onde o próprio “Mata-Cavalos” ainda participava, partilhando histórias, gargalhadas e a paixão comum pela Festa Brava.

O nome da tertúlia surgiu naturalmente, como uma justa homenagem à alcunha que António Manuel Caetano conquistou pela sua forte constituição física e pela forma determinada com que enfrentava o gado bravo. Inicialmente constituída apenas por familiares, rapidamente se tornou num ponto de encontro alargado, abrindo as portas a amigos que partilhavam os seus valores, criando assim uma comunidade alicerçada no respeito, na amizade e na Tauromaquia.

A sua primeira morada foi no número 21 da Rua Comendador Miguel Esguelha, em Vila Franca de Xira, mudando-se mais tarde para o número 23, onde permanece até aos dias de hoje, como um verdadeiro museu vivo dedicado à figura do campino, e do “Mata Cavalos”, e à cultura taurina da região. As paredes, pin-

a Alma de um campino



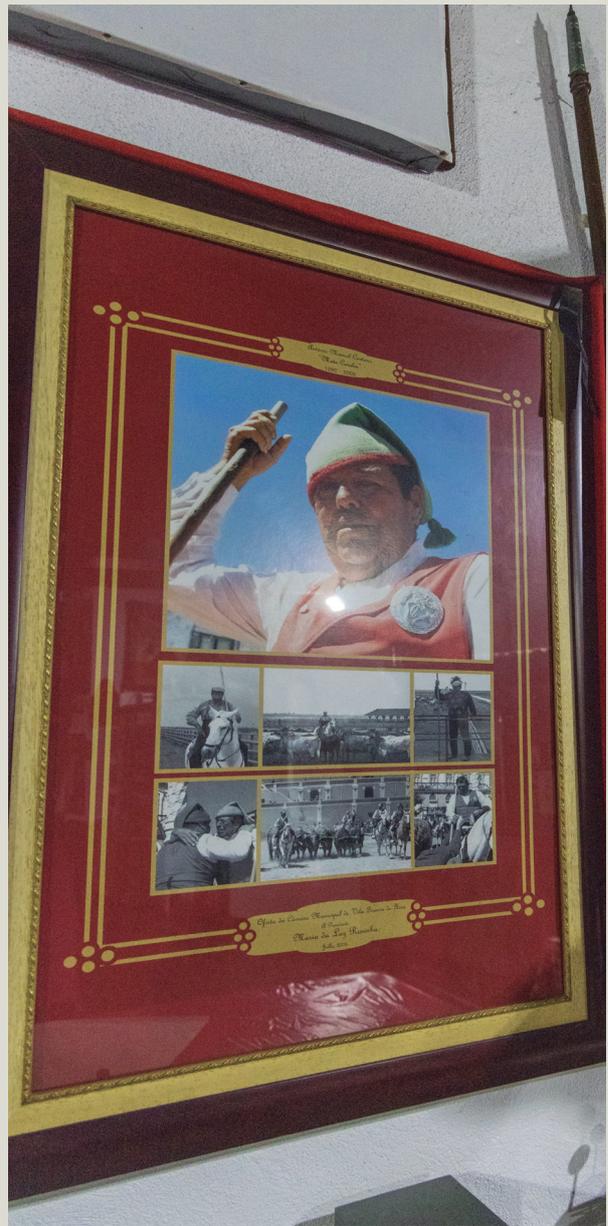
tadas com o vermelho e amarelo da Praça de Touros “Palha Blanco”, estão repletas de objetos com história que vão desde as meias, os estribos, uma manta e diversas fotografias de António Caetano, tanto nas lides de campino como nos momentos mais íntimos com os netos, de quem gostava muito.

Entre as relíquias, destaca-se ainda o capote de despedida do matador de touros Mário Coelho e uma moldura oferecida pela então Presidente da Câmara, Maria da Luz Rosinha, em tributo ao percurso do “Mata-Cavalos” e da tertúlia, para a cidade e para a Festa.

Recebidos de braços abertos pelos sócios fundadores Leonel David, Fernando Moreira e Paulo Vitorino, percebemos rapidamente que este espaço é mais do que uma tertúlia, é um santuário de memórias, de encontros e

de afetos. Aqui celebrou-se o fado com o “Bichaninha”, debateram-se e debatem-se temas ligados à Tauromaquia em colóquios vivos, celebram-se as datas e festividades tauromáquicas como por exemplo a festa maior de Vila Franca de Xira o “Colete Encarnado”, receberam-se os Forcados de Santarém, organizaram-se campanhas de recolha de alimentos e de sangue e realizaram-se obras de manutenção e melhoria das instalações feitas com as próprias mãos dos sócios.

Mas a tertúlia é um espaço que vai além da Tauromaquia. É também um espaço de conversas francas sobre a vida, a política, o futebol, os desafios do quotidiano e do futuro que se avizinha cada vez mais desafiante, fruto de uma renovação de gerações cada vez mais difícil, uma verdadeira casa de partilha. Um dos



maiores sonhos dos associados continua por realizar: “desejávamos reunir todos os campinos num almoço ou jantar de homenagem, pelo simbolismos, papel e história que têm na cultura Ribatejana”.

Mais do que um local de reunião, a Tertúlia “O Mata-Cavalos” é hoje símbolo de continuidade, de união geracional e de um modo de vida, pautada pela intensidade, paixão e autenticidade. Aqui, cada conversa, cada fotografia, cada brinde e cada silêncio são um tributo à bravura dos campinos e à beleza da Festa.

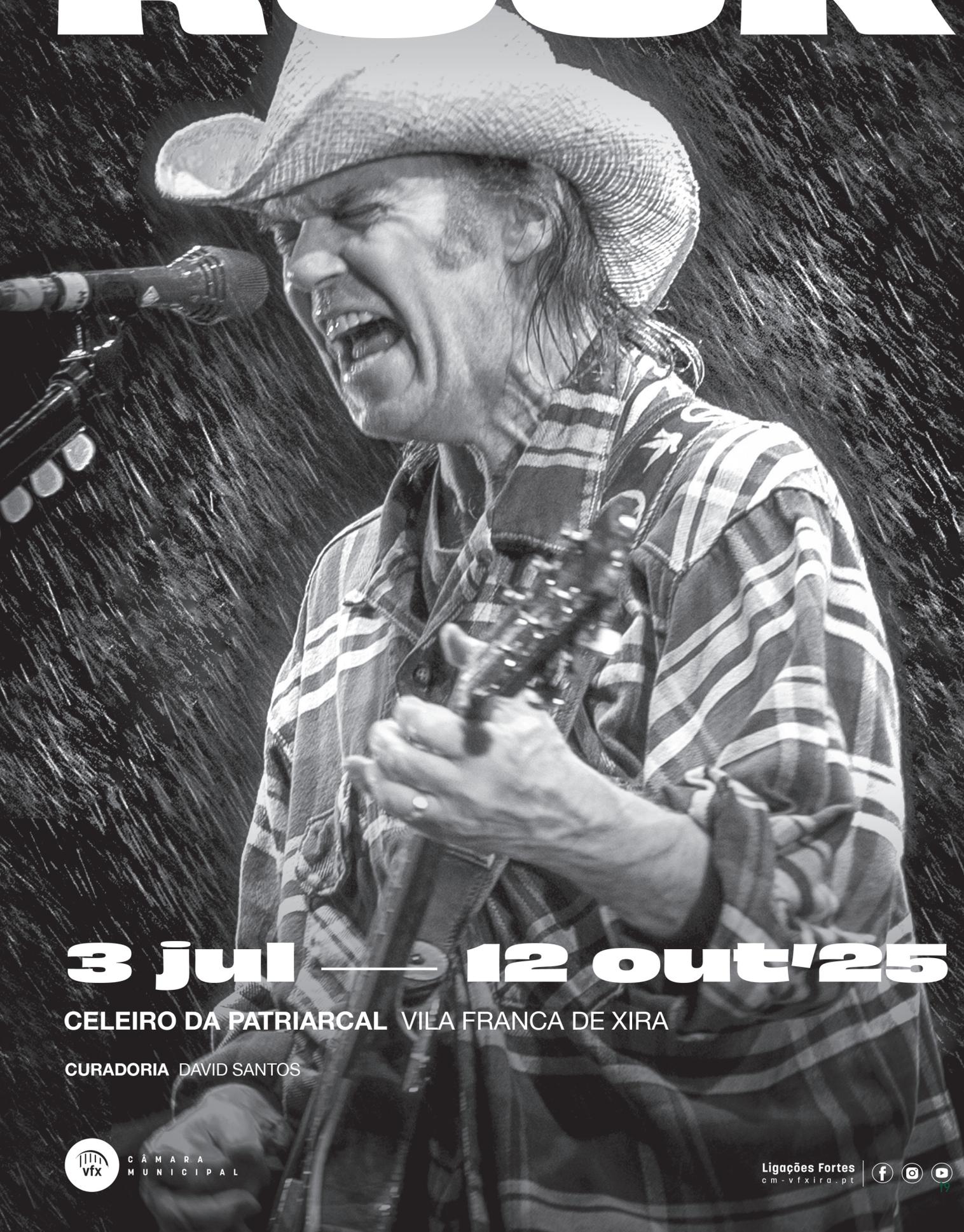
Com sócios de dentro e de fora do Concelho, alguns até sem raízes ligadas à Tauromaquia, a tertúlia é especial pela forma como recebe com sinceridade, com alma, com o coração aberto.

A Tertúlia “O Mata-Cavalos” está de portas abertas todo o ano a quem quiser entrar e visitar. O espaço está disponível para todos aqueles que queiram recordar e honrar a figura de António Manuel Caetano e sentir o espírito da Festa Brava, como se estivessem na Praça de Toiros “Palha Blanco”.

ALFREDO CUNHA

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

ROCK



Neil Young, Vilar de Mouros, 2001.

3 Jul — 12 out'25

CELEIRO DA PATRIARCAL VILA FRANCA DE XIRA

CURADORIA DAVID SANTOS

 CÂMARA MUNICIPAL

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt   

VILA FRANCA DE XIRA

**FEIRA
ANUAL
DE OUTUBRO**

44º SALÃO DE

artesanato



3-12 OUT

Parque Urbano / Pavilhão Multiusos

2025



CÂMARA
MUNICIPAL

Ligações Fortes
cm-vfxira.pt

